

Refletindo sobre a violência

Reflections on the violence

Cynara Marques Hayeck¹

Resumo: O presente artigo trata a questão da violência como uma prática corrente desde a antigüidade, e faz um esboço sobre como o conceito desta é tratado por alguns autores, principalmente após o processo civilizatório do homem, além de ponderar sobre as relações estabelecidas entre violência, classe social e o mito da não-violência.

Palavras-Chave: Violência, conceito, práticas violentas.

Abstract: The present article is about the question of violence as a current practice since antiquity, and it makes a layout about how its concept is approached by some authors, mainly after the process of civilization of mankind, and moreover to ponder about the relations settled between violence, social class and the myth of non-violence.

Key-Words: Violence, concept, violent practices.

A temática da violência não é um tema sociológico recente, pois são conhecidas diversas práticas violentas usuais na Antigüidade. Essas práticas começaram a serem discutidas a partir do século XIX. Assim, a violência passou a ser caracterizada como um fenômeno social e despertou a preocupação do poder público e também de estudiosos de várias áreas, tais como: Ciências Sociais, História, Geografia, Economia, Medicina, Psicologia, Direito, entre outros.

Os principais autores que passaram a debater sobre a violência clássica relacionada à Barbárie foram Marx, Hegel e Nietzsche. Porém, esse tipo de violência ainda pode acontecer na atualidade. Com base em Filho (2001), para Marx a violência passou a ser algo superável e não inerente ao homem. E para Nietzsche ela é algo que pertence ao homem². Por se tratar de uma questão já existente desde a Antigüidade, vale lembrar que existem relatos referentes à Idade Média em que a violência física fazia parte do homem medieval. Atos violentos eram comuns, tais como: mãos decepadas, purificações em

¹ Mestranda em História Social na Universidade Federal de Uberlândia e graduada em Ciências Sociais pela mesma instituição. Email para contato: cyhayeck@gmail.com

² Contudo, Nietzsche não fazia defesa da violência, mas sim da necessidade de combatê-la.

fogueiras, mortes públicas, entre outros. Não é difícil encontrar indícios na Bíblia de cenas violentas, a começar pela expulsão de Adão e Eva do paraíso, pois esta é:

[...] um repositório incomum de violências, um abecedário completo e variado, que vai da violência física à violência sutil e maliciosa, do estupro ao fratricídio, do crime passionnal ao crime político (Odalía, 1985: 18).

Norbert Elias analisou o processo civilizador, enfatizando principalmente a universalização dos costumes, sobretudo após o Renascimento. Este processo civilizador (ELIAS apud BUORO, 1999) só foi possível devido ao fato dos indivíduos obedecerem a normas de convívio e de conferirem ao Estado o monopólio do exercício da violência. Com efeito, esta violência deixou de ser espontânea e irracional para ser centralizada e monopolizada.

A discussão a respeito da existência de práticas violentas desde a Antiguidade é tratada por Buoro (1999) quando ele explicita que a violência se tornou algo ligada ao nosso cotidiano e assim, passamos a acreditar que o mundo nunca foi tão violento como atualmente. Como estamos tão envolvidos com a violência, nós deixamos de ampliar o tempo histórico, obtendo-se assim, esta visão incorreta.

O fato é que a questão sobre a violência começou a ser debatida em maior número principalmente a partir da década de 1980, quando se toma consciência da dimensão do problema que passa a fazer parte do modo de viver do homem em sociedade, ou seja, a violência torna-se banalizada, passa a ser algo comum entre os homens. Assim, segundo Odalia (1985: 14) “[...] uma das condições básicas da sobrevivência do homem, num mundo natural hostil, foi exatamente sua capacidade de produzir violência numa escala desconhecida pelos outros animais.” Porém, a idéia de violência é um conceito que varia de sociedade para sociedade, mesmo que tenha feito parte de vários processos civilizatórios.

É arriscado expor um conceito da palavra violência, pois ela pode ter vários sentidos, tais como: ataque físico, sentido geral de uso da força física, ameaça ou até mesmo um comportamento ingovernável. Segundo o dicionário francês Robert (ROBERT, 1964 apud MICHAUD, 1989: 7) a violência é:

- a) *O fato de agir sobre alguém ou de fazê-lo agir contra a sua vontade empregando a força ou a intimidação;*
- b) *o ato através do qual se exerce a violência;*
- c) *uma imposição natural para a expressão brutal dos sentimentos.*
- d) *a força irresistível de uma coisa,*
- e) *o caráter brutal de uma ação.*

Raymond Williams destaca que “[...] se trata de uma palavra que necessita de definição específica inicial, se não quisermos cometer uma violência contra ela.” (2007:

407). Sendo assim, a palavra violência passa a ter o sentido de: arrancá-la de seu significado. Outro autor que trata desta conceituação é Michaud (1989: 10) que tenta defini-la como:

[...] há violência quando, numa situação de interação, um ou vários atores agem de maneira direta ou indireta, maciça ou esparsa, acusando danos a uma ou várias pessoas em graus variáveis, seja em sua integridade física, seja em sua integridade moral, em suas posses, ou em suas participações simbólicas e culturais.

Além da análise com relação à definição da palavra violência, existem também algumas interpretações sobre o tema. A violência é considerada um fenômeno biopsicossocial cuja complexidade dinâmica emerge na vida em sociedade, sendo que esta noção de violência não faz parte da natureza humana por não possuir raízes biológicas. Por isso, a compreensão desta leva à análise histórica, sociológica e antropológica, considerando as interfaces das questões sociais, morais, econômicas, psicológicas e institucionais (MINAYO, 1994). Algumas visões adotam uma posição maniqueísta da violência, que ajudam a explicar o uso abusivo da força sobre o outro, mas há também visões do ato violento como algo ligado ao poder, tal como argumenta Chauí (1985) que acredita na violência não como violação e transgressão, mas como a conversão de uma diferença hierárquica com fins de dominação e opressão, que ocorrem juntamente com passividade e o silêncio dos sujeitos³. Santos (2002) define a violência como um dispositivo de poder, composto por diversas linhas de realização, que realiza uma relação específica com outro, utilizando para isso, a força e a coerção, produzindo-se assim, um prejuízo social. Por outro lado, Hanna Arendt (2003) mostra a violência como algo oposto ao poder, pois seria a desintegração do poder que possibilitaria o surgimento da violência.

O sociólogo Zygmunt Bauman (2001) fala sobre os dramas próprios das sociedades contemporâneas, inseridas na experiência da modernidade líquida, em que tudo é temporário e fluido e grande parte dos indivíduos estão permanentemente confrontados com sua condição de desamparo, insuficiência e vulnerabilidade, sem que o Estado e as demais instituições políticas da própria sociedade ofereçam a atenção devida para os referidos dramas. A respeito deste discurso sobre a modernidade, Giddens (1991) destaca que o mundo em que nós vivemos hoje está carregado e perigoso, e isto leva ao enfraquecimento da esperança de que a emergência da modernidade nos levaria a uma ordem social feliz e segura.

³ A interpretação a respeito da violência desenvolvida por Chauí é considerada moderna, pois a autora incorpora tanto a dimensão física quanto a dimensão psíquica do indivíduo.

A violência também pode ser definida de acordo com termos antropológico-filosóficos, em que ela é a fronteira da racionalidade e da destruição, da destituição dos homens da sua dignidade, ou seja, transforma-os em coisas. Além destes termos, ela pode ser definida de acordo com os termos sociológicos, em que a lógica excludente do capitalismo e do neoliberalismo considera os cidadãos como clientes e ainda os exclui dessa condição de cidadãos (CARBONARI, 2002). Segundo Filho (2001: 22) a violência “organiza as relações de poder, de território, de autodefesa, de inclusão e exclusão e institui-se como único paradigma”.

Partindo para uma análise de práticas violentas no Brasil, pode-se destacar o contexto de seu passado colonial e agrário. A violência do sistema escravocrata não era um fator que causava estranheza, seja quando vitimizava os escravos, seja quando era o “costume” para dirimir conflitos entre os homens pobres livres (FRANCO, 1978). Em concordância com Franco, Buoro (1999) destaca que no período colonial a sociedade era completamente desigual, a violência era algo comum devido às rivalidades e facções, a população andava armada e havia casos de emboscadas e guerras urbanas. O autor relata o elevado número de infanticídios neste período. Em relação ao período imperial e republicano, Buoro ressalta que houve levantes e a Guerra do Paraguai, e após a proclamação da República, floresceu o coronelismo, e conseqüentemente o banditismo rural de jagunços e cangaceiros.

De acordo com a hipótese de Filho (2001) acerca deste tema no Brasil, há uma violência fundadora que está relacionada a uma cultura tradicional herdada, baseada no passado escravocrata da sociedade brasileira e no tipo de colonização e colonizadores que para cá vieram. Em nossa sociedade caracterizada por relações violentas, a violência transforma-se numa linguagem organizadora, fazendo surgir uma espécie de senha de identificação que distingue iguais. Em concordância com esta afirmação de uma existência de uma linguagem da violência é possível destacar a análise de Pereira (2000), em que o autor discute que há na violência brasileira um paradoxo, pois de um lado existe uma realidade alheia e hostil à democracia, e do outro, há um limite entre articulações culturais. Sendo assim, há uma linguagem da violência que não aparece somente em conflitos, mas também pode levar a emergência de alteridades, denunciando a existência de formas culturais diversas, que “encontram modos de expressão, passíveis de exibição privilegiada pela mídia e de assimilação pelo público, instituindo sentidos e ganhando adeptos.” (PEREIRA, 2000: 15). Ainda segundo Pereira, a violência cria expressões estéticas que se formam segundo produtos culturais na mídia. Em contrapartida, Adorno (2003) considera o

argumento da herança colonial perigoso, porém não descartável, pois para ele, estamos congelando a história no tempo, sem atualizar e reinterpretar essa herança.

Contudo, quando a sociedade brasileira passou a viver os chamados processos de modernização, as múltiplas práticas sociais da violência, especialmente a criminal, passaram a ser vistas como fenômenos relevantes, objeto de estudiosos e também de intervenções do poder público.

Atualmente, a violência não possui um *locus* específico. Ela está presente tanto nos bairros mais sofisticados quanto nas favelas, ela abrange o centro e a periferia, perpassando pelas diversas classes sociais. Vários tipos e formas de violência são noticiados e espetacularizados, dentre elas podemos citar algumas, tais como: roubos, furtos, assassinatos, seqüestros, guerras, atentados, terrorismo, violência física, violência sexual, violência psicológica, tortura (muito utilizada por regimes autoritários e o durante períodos ditatoriais), violência policial, dentre outras, sendo estas, demonstrações de produções modernas da violência. Até mesmo a arquitetura contemporânea demonstra o medo da violência. Hoje, as casas possuem muros altos, com cercas elétricas, sem nenhuma visibilidade para a rua, com cães de guarda e alarmes. O fato é que arquitetura de espaço aberto cedeu seu espaço para a defesa e a proteção, porém, nos bairros mais pobres e favelas, a violência é escancarada, sem ser escondida por cercas e muros. Não há mais “o sabor pela vida exterior, interioriza-se, e o que se busca, desesperadamente é a segurança e a defesa.” (ODALIA, 1985: 10).

Devemos nos atentar para a crítica relacionada ao mito da não-violência da sociedade brasileira, que é tratado por autores como Marilena Chauí e Pereira. Para este último, a sociedade brasileira construiu uma imagem de um país cordial⁴, habitado por um povo pacífico, contrários a grandes conflitos e atos violentos. Além disso, é preciso ressaltar a necessidade de não caminhar para o argumento de que a pobreza é a causa exclusiva da violência. É arriscado tratarmos o assunto como o senso comum, sem analisarmos esta relação de forma cuidadosa, pois esta associação é decorrente do desenvolvimento do capitalismo nas sociedades ocidentais modernas onde as classes menos favorecidas passaram a serem consideradas perigosas⁵. Adorno (2003) se baseia na hipótese de que este argumento da relação existente entre a pobreza e a violência é incorreto. O que acontece é que não tem como estabelecer uma relação direta entre eles.

⁴ Faz-se aqui alusão à obra de Sérgio Buarque de Holanda, em que ele analisa em sua obra a idéia de homem cordial.

⁵ As classes menos favorecidas eram consideradas perigosas por serem consideradas transmissoras de doenças e por serem constituídas por ‘desocupados’, sem trabalho, que tiram seu sustento das ruas ou de atividades ilícitas.

Porém, o autor concorda que existe uma rota que a violência segue, e esta rota é a da riqueza e não da pobreza, mesmo porque aquela tem se deslocado para o interior de nosso país. Contudo, ele conclui que esta relação não explica o crime, pois este está difundido em nossa sociedade. Esta relação pode implicar a incidência da criminalização e da punição sobre os menos favorecidos.

Se considerarmos um aumento nos índices de criminalidade entre jovens de classe média, podemos argumentar que se a desigualdade sozinha explicasse a violência, todos os jovens pobres buscariam o tráfico de drogas e outras práticas criminosas para se afirmar socialmente, o que de fato não ocorre. Assim como Alba Zaluar (2004), acredita-se que a adesão às práticas da violência pode ser uma busca de reconhecimento e de imposição social pelo medo, processo que torna a relação entre pobreza e violência questionável, na medida em que o medo, em face da violência potencial e efetiva, está presente em todas as classes sociais.

Michaud (1989) arrisca-se a identificar algumas possíveis causas da violência, que são divididas de acordo com a perspectiva antropológica e sociológica. A primeira perspectiva diz respeito ao surgimento da cultura que fez completar os instintos, mas também os tornou inúteis e perigosos. Esta abordagem prefere falar de agressividade, agressão, irritabilidade e combatividade. Sendo assim, surge um comportamento retraído e de fuga após a ruptura com a natureza animal. O autor enfatiza que, “a agressão acompanha a conquista, a destruição e a exploração. Neste sentido, há violência no próprio âmago da humanidade, que anima suas invenções, suas descobertas e sua produção de cultura.” (p. 76). A segunda perspectiva trata da disparidade entre as interpretações, pois existem abordagens funcionalistas em que a violência é tratada como uma unidade funcional com diversos graus de integração, e para tratar esta questão, Michaud destaca autores como Merton e Parsons. Em relação ao ponto de vista sistêmico, podemos destacar que um sistema é constituído de um conjunto de variáveis ligadas ao meio ambiente, manifestando-se assim, regularidades de comportamento. A concepção marxista nos mostra que há uma relação entre violência e luta de classes, que é o motor da história, ou seja, os conflitos são irreduzíveis. São as transformações sociais que passam pela violência, e não o contrário. É feita uma crítica às interpretações com base no funcionamento social do tema da violência. Além disso, os estudos microssociológicos corroboram para a banalização da violência. E sendo assim, a violência cotidiana difere dos discursos ideológicos ou míticos que a apóiam.

Todavia, não podemos nos ater a um discurso social de uma violência única e singular, e sim como um fenômeno inscrito na realidade do mundo social que se expressa

de diversas maneiras. Contudo, é preciso pensar o fenômeno da violência e suas causas como um elemento plural. Por acreditarmos que este fenômeno é um fator proveniente de múltiplas causas, podemos destacar: o mau funcionamento da Justiça, impunidade, colapso da educação e da saúde, corrupção, influência da mídia, crescimento das cidades, egoísmo, ineficácia de políticas públicas das práticas de intervenção e prevenção da violência, conivência silenciosa dos envolvidos (das vítimas, dos demais, dos profissionais), entre outros.

O que é importante é não generalizar e não banalizar o assunto antes de analisar, avaliar e ponderar, pois as notícias a que temos acesso hoje anunciam atores de práticas violentas provenientes de outras classes, ou seja, são atores que não têm relação exclusiva com a pobreza e a miséria. Precisamos refletir sobre como a violência foi inserida em nosso cotidiano, como as políticas públicas do Estado e ações da sociedade civil estão tratando esta questão, pois não basta dizermos não às mazelas da sociedade contemporânea para que elas desapareçam, é preciso atacar as causas dessa prática e não só seus efeitos, ou seja, é preciso ir além.

Referências Bibliográficas

ADORNO, S. A violência na sociedade brasileira: um painel inconcluso em uma democracia não consolidada. In: *Sociedade e Estado*. Brasília: UnB, v. X (2), p. 299-342, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 08 Mar. 2007.

BUORO, A. B. [et al.]. *Violência urbana: dilemas e desafios*. São Paulo: Atual, 1999. 64p.

CHAUÍ, M. Participando do debate sobre mulher e violência. *Perspectivas Antropológicas da mulher*. Rio de Janeiro: Zahar, p.25-62, 1985.

FILHO, C. M. Violência fundadora e violência reativa na cultura brasileira. *São Paulo em Perspectiva (on line)*. São Paulo, v. 15, n. 2, p. 20-27, 2001. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 28 Ago. 2007.

FRANCO, M, S. de C. *Homens livres na ordem escravocrata*. São Paulo: Kairós, 1978. 236p.

MICHAUD, Y. *A violência*. São Paulo: Ática, 1989. 119p.

MINAYO, M.C., A violência social sob a perspectiva da saúde pública. *Cadernos de Saúde Pública*, Rio de Janeiro, Escola Nacional de Saúde Pública, Fundação Oswaldo Cruz, 1994. Disponível em: <<http://www.scielo.br>>. Acesso em: 08 Mar 2007.

ODALIA, N. *O que é violência*. São Paulo: Nova Cultural: Brasiliense, 1985. 95p.

Revista Brasileira de História & Ciências Sociais

Ano I - Número I - Julho de 2009

www.**rbhcs**.com

ISSN: 2175-3423

PEREIRA, C.A.M. Introdução. In: PEREIRA, C.A.M. [et al.]. *Linguagens da violência*. Rio de Janeiro: Rocco, p.13-22, 2000.

SANTOS, J. V dos. Microfísica da violência, uma questão social mundial. In: *Ciência e Cultura (on line)*. São Paulo, v. 54, n.1, p.22-24, Jun-Set 2002. Disponível em:<<http://www.cienciaecultura.bvs.br/scielo>>. Acesso em: 28 Set. 2007.

WILLIAMS, R. Violência. In: *Palavras-chave: um vocabulário de cultura e sociedade*. São Paulo: Boitempo, 2007.

Recebido em 29/05/2009

Aprovado em 30/06/2009